

ETHOS NO DISCURSO: TRILHANDO UM PERCURSO TEÓRICO

ETHOS OF DISCOURSE: FOLLOWING ONE THEORETICAL PATH

Hermínia Maria Martins Lima SILVEIRA*

RESUMO: O plano de trabalho Ethos no discurso: trilhando um percurso teórico tem por objetivo elucidar o processo de construção do ethos no discurso, considerando o estudo e análise de uma cena de aula de Língua Portuguesa, de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede particular de ensino. Para tanto, utilizaremos os conceitos de Amossy (2008), Perelmam (1977, 2000), Maingueneau (1997, 2008) e Charaudeau (2008). O procedimento metodológico está pautado nas práticas discursivas do professor de LM registradas em eventos da sala de aula, mediante os seguintes procedimentos: (i) observação em lócus, (ii) diário de campo, (iii) gravação de aulas em uma turma de vinte e oito alunos de faixa etária entre 13/14 anos. Preliminarmente, concluiu-se que a construção do ethos está ligada à imagem que o auditório faz do locutor e aos modos de dizer desse sujeito no momento da enunciação. A imagem pré-construída pelo auditório está diretamente relacionada à representação coletiva, cristalizada produzida pela sociedade. A importância deste estudo para os estudos literários é permitir entender em que medida é possível estabelecer diálogo entre as diferentes abordagens teóricas apresentadas aqui.

72

Palavras-chave: Ethos discursivo. Retórica. Auditório

ABSTRACT: The Ethos workplan: Following the theoretical way the goal is show the Ethios's building process, considering the study and analysis of Portuguese class from Elementary School from private school. For this discussion, we will use different theories and language experts: Amossy (2008), Perelmam (1977, 2000), Maingueneau (1997, 2008) e Charaudeau (2008). The methodological procedure is based in discursives practices from Portuguese teacher recorded in classrooms, following some procedures: (i) observation in locus, (ii) recorded in locus, (iii) recorded in classroom with 28 students and age group between 13/14 years old. Preliminarily, it was concluded that construction of Ethos is connected with the image that the audience is the speaker and the ways to tell subject on the moment of enunciation. The image built for auditorium is directly related to collective representation, crystallized produced by society. The importance of this study for literary studies is to understand to what extent it is possible to establish dialogue between different theoretical approaches presented here.

Keywords: Discursive Ethos. Rhetoric. Auditorium.

Introdução

Este trabalho tem como finalidade, numa relação entre diferentes estudiosos da língua, do discurso, Amossy (2008), Perelmam (1977, 2000), Maingueneau (1997, 2008) e Charaudeau (2008), elucidar o processo de construção do ethos no discurso.

* Doutoranda FALE/UFMG. Bolsista FAPEMIG. E-mail: hemartinslima@yahoo.com.br.

Essa empreitada, à luz do quadro teórico desenhado por esses autores, tentou colher contribuições conceituais, sem perder de vista as especificidades que cada teoria guarda em relação ao ethos, considerando a complexidade que a envolve.

Para refletir sobre a noção de ethos, não se pode desconsiderar que ela nos remete, primeiramente, à retórica antiga, de Aristóteles, para quem ethos se define como a capacidade do indivíduo de convencer o auditório, promovendo, assim, confiança entre os participantes da cena enunciativa. Aristóteles, para a construção do ethos retórico, apresenta três características fundamentais que auxiliam na produção da imagem positiva do orador; a *phronesis* (pessoa ponderada); a *aretè* (atitude de homem que fala francamente, apresenta a verdade) e a *eunoia* (exibição de uma imagem agradável de si mesmo)¹.

Maingueneau (2008b, p.17), seguindo de perto a retórica, mas sob a ótica da Análise do Discurso, explica que ethos “é uma noção fundamentalmente híbrida (sócio-dicursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, integrada ela mesma numa determinada conjuntura sócio-histórica”, dessa forma, cabe ao destinatário conferir certas características ao momento da enunciação em relação ao discurso proferido.

Esse autor aponta um limite em relação ao conceito de ethos apresentado pela retórica tradicional, porque essa disciplina só levou em consideração o estudo do ethos em situações de interlocução oral, em situação de fala pública, atribuindo importância à forma física do orador, seus gestos e entonação. Para Maingueneau, deve se pensar a construção do ethos tanto em textos orais quanto nos textos escritos; “qualquer discurso escrito, mesmo que a negue, possui uma vocalidade específica, que permite relacioná-lo a uma fonte enunciativa, por meio de um tom² que indique quem disse” (MAINGUENEAU, 2008a, p. 72).

O enunciador investe-se de credibilidade, de confiabilidade e por meio da enunciação, releva-se “um fiador construído pelo destinatário a partir de índices liberados na enunciação” (MAINGUENEAU, 2008b, p.18), ainda sobre essa questão, “a qualidade do ethos remete, com efeito, à figura desse ‘fiador’ que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que ele se supõe que ele faz surgir em um enunciado” (MAINGUENEAU, 2008a, p.73).

Em resumo, a imagem do fiador é revelada no discurso, no momento em que o enunciador toma a palavra, dentro de uma determinada instância enunciativa, através dos modos de dizer do sujeito. Nas palavras do autor:

O enunciador não é um ponto de origem estável que se ‘expressaria’ dessa ou daquela maneira, mas é levado em conta em um quadro profundamente interativo, em uma instituição discursiva inscrita em uma certa configuração cultural e que implica papéis, lugares e momentos de enunciação legítimos, um suporte material e um modo de circulação para o enunciado (MAINGUENEAU, 2008a, p.75).

Ainda, segundo esse autor, o fenômeno do ethos, como dito, está diretamente relacionado ao ato de enunciação, ele é constitutivo do enunciado, mas, não está ligado somente à dimensão verbal do discurso, mas ao conjunto de descrições físicas e psíquicas referentes ao ‘fiador’ conforme as representações coletivas estereotípicas; “o ‘fiador’, cuja figura o leitor deve construir com base nos indícios textuais de diversas ordens, vê-se, assim, investido de um caráter e de uma corporalidade, cujo grau de precisão varia conforme o texto” (MAINGUENEAU, 2008a, p.72).

Portanto, para Maingueneau, o ethos é o resultado da inter-relação do ethos pré-discursivo,³ imagem produzida conforme os modelos/estereótipos de determinadas práticas sociais e do ethos discursivo (ethos mostrado/ ethos dito)⁴ que se refere ao uso de elementos linguísticos pelo enunciador para a construção da imagem de si mesmo no ato enunciativo.

Em se tratando do ethos pré-discursivo, mesmo que o co-enunciador não tenha, no primeiro momento, uma representação⁵ prévia do enunciador, a pertença de um texto a um determinado gênero de discurso, a uma determinada formação discursiva e o posicionamento ideológico manifestado no texto geram pistas que permitem inferir características do ethos do enunciador.

Ainda para esse autor, o ethos “não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica construída pelo destinatário através dos movimentos da própria fala do locutor” (MAINGUENEAU, 2008b, p.14).

A figura⁶ a seguir ilustra a relação estabelecida entre ethos pré-discursivo, ethos discursivo (ethos dito/ethos mostrado) para a construção do ethos efetivo.

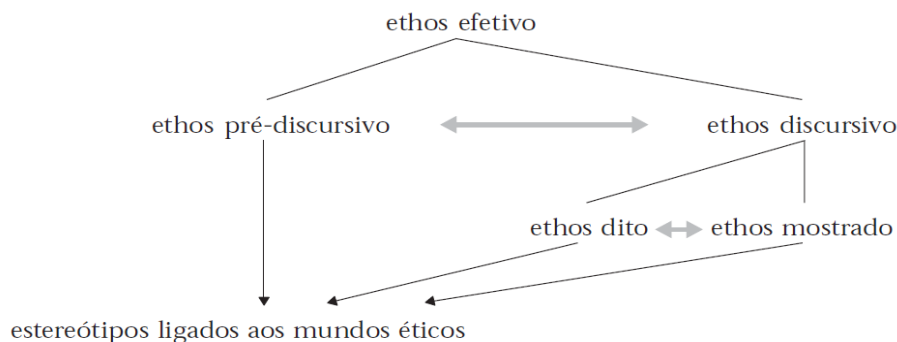


Figura 2: A construção do ethos efetivo (MAINGUENEAU, 2008b, p. 19).

O que temos, então, é uma relação entre o ethos discursivo e o ethos pré-discursivo ou ethos prévio, pois o ethos pré-discursivo afeta e direciona a construção do ethos discursivo, o que não significa dizer que aquele não poderá sofrer modificações. O primeiro é construído pelo discurso, mas isso não representa a mediatez dos efeitos por ele provocado, ou seja, a imagem do locutor pode não sofrer alteração de valor no momento da enunciação, mas uma vez instaurado, o ethos discursivo passará a funcionar como ethos pré-discursivo. Em se tratando do ethos pré-discursivo, temos uma combinação de fatores externos à linguagem que permitem a sua construção.

Para Amossy (2008), o ethos é revelado no discurso através do modo de dizer do locutor; “maneira de se exprimir”. O que existe é um processo de estereotipagem, pois criamos modelos sociais que contribuem para a construção de “representações partilhadas” que poderíamos chamar de ethos prévio⁷ (cf. AMOSSY, 2008). Toda enunciação se firma em estereótipos, em representações de uma determinada prática discursiva e os efeitos que o enunciador deseja produzir no seu auditório são impostos pela formação discursiva na qual seu discurso se encontra inscrito; “no momento em que toma a palavra, o orador faz uma ideia de seu auditório e da maneira pela qual será percebido; avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme às exigências de seu projeto argumentativo” (AMOSSY, 2008, p.125).

Sobre isso, a autora pontua a importância das representações partilhadas, dos estereótipos para a construção do ethos, para ela, “a ideia prévia que se faz do locutor e a imagem de si que ele constrói em seu discurso não podem ser totalmente singulares” (AMOSSY, 2008, p.125), uma vez que o reconhecimento, a legitimação das imagens construídas no processo discursivo depende de uma relação com modelos culturais - a estereotipagem - ou seja, com a representação coletiva, cristalizada da realidade.

Verifica-se que toda prática discursiva implica “Circunstâncias de discurso”, ou seja, as condições que norteiam o processo discursivo, e envolve o “conjunto dos saberes supostos que circulam entre os protagonistas da linguagem”, esses saberes são coletivos – “práticas sociais partilhadas” - e individuais - “filtros construtores de sentido” - e se “deslocam constantemente em função do deslocamento das relações interindividuais e intercoletivas” (CHARAUDEAU, 2008, p.30).

Como se pode perceber, as hipóteses construídas em relação aos saberes presentes na enunciação orientam a produção de sentido; saberes dos participantes da enunciação – enunciador e interpretante -, do ponto de vista do enunciador sobre seu enunciado e da imagem que esse enunciador constrói do seu interlocutor, do seu auditório.

Há por parte do interlocutor a manifestação de uma atitude responsiva acerca do discurso do locutor, uma vez que ele constrói hipóteses a respeito das intenções do enunciador em relação às circunstâncias do discurso. Em suma, conforme Charaudeau (2008, p. 31), “toda interpretação é uma suposição de intenção”. Dessa forma, o que há é uma co-construção de sentido em que as circunstâncias do discurso - conjunto de saberes compartilhados – colaboram para a produção de sentido do discurso.

Ora, todo ato de linguagem é fundado numa esfera social específica e capaz de determinar, (re)orientar a produção de sentido do texto; “a significação é uma manifestação languageira que combina signos em função de uma intertextualidade particular e que depende de Circunstâncias de discurso particulares” (CHARAUDEAU, 2008, p.35), o que implica assumir que os participantes discursivos concebem o sentido à luz de condições históricas, culturais e institucionais definidas.

Para Charaudeau (2008), toda produção de um ato de linguagem é organizada pelos seres da fala, EUE (sujeito enunciador/ser de fala) e TUD (sujeito destinatário/ser da fala), provenientes das representações languageiras insituídas no ato da fala, verifica-se também os seres agentes, EUC (sujeito comunicante/ser social) e TUI (sujeito interpretante), sujeitos empíricos, cuja representação é atribuída de acordo com o saber vinculado a situação “real”.

O locutor (EUC) enuncia em relação à imagem que ele cria de si (EUE) e à imagem que tem do interlocutor (TUD), assim, temos um direcionamento do que deve ser dito, como deve ser dito de acordo com os papéis desempenhados pelos sujeitos envolvidos na cena discursiva: “fala-se (ou escreve-se) organizando o discurso em

função de sua própria identidade, da imagem que se tem de seu interlocutor e do que já foi dito” (CHARAUDEAU, 2008, p.76).

A imagem do E_Ue não é fixa, estável, pois ela é construída em função do conhecimento que T_Ui tem do E_Uc, logo, diferentes T_Ui podem interpretar um mesmo ato de linguagem de formas distintas e, portanto, as imagens construídas para o E_Ue podem se diferenciar.

Assim, esses sujeitos estabelecem um contrato de comunicação regulado por aspectos de ordem sócio-institucional. Daí a necessidade de refletir sobre o comportamento linguageiro dos participantes do ato de linguagem a respeito do propósito de comunicação e em relação aos sujeitos envolvidos na cena comunicativa – E_Ue e o T_U.

Como dito, pretende-se aqui pensar a questão do ethos em diferentes vertentes teóricas, percorrendo inclusive a teoria da Argumentação de Perelman, produzida em parceria com Olbrechts-Tyteca, conhecida como Nova Retórica, inspirada pela tradição retórica, mais especificamente em Aristóteles. Vale ressaltar que aquele autor não trabalha diretamente com categoria ethos, mas, ao tratar da definição de auditório, Perelman nos permite estabelecer um diálogo com a ideia de ethos apresentada por outros teóricos.

Não existe discurso sem auditório, dizendo de outra forma, auditório, discurso e orador estão interligados. Nesse sentido, segundo Perelman (1977, 2000), o auditório é determinante no modo de agir discursivamente do orador, uma vez que há um processo de adaptação do orador em relação às características do seu auditório com intuito de atingir os efeitos pretendidos na argumentação, considerada por esse teórico como um processo que visa convencer, persuadir qualquer auditório ao qual se dirige. Nas palavras de Perelman:

Quem são aqueles que, no sentido técnico da teoria da argumentação, constituem o auditório de um orador? Serão todos aqueles que entendem [escutam] o seu discurso ou todos aqueles que poderão lê-lo quando ele for publicado? Evidentemente que não. (...) Será aquele que é interpelado no início do discurso? Nem sempre. (...) De fato, o auditório, tecnicamente, é o conjunto de todos aqueles que o orador quer influenciar mediante o seu discurso (PERELMAN, 1977, p. 237).

A construção argumentativa depende da projeção de imagem que o orador produz do seu auditório, ou seja, as expectativas do orador sobre o seu auditório. A ideia de auditório não se restringe um grupo de pessoas que recebem o discurso oral ou

escrito, mas trata-se de uma representação, ou seja, a imagem que o orador faz daqueles que visa ganhar adesão.

Embora haja uma infinidade de auditórios e, portanto, diferentes tipos de argumentação, a teoria desenvolvida por Perelman não se preocupa em descrever exaustivamente as características específicas dos diferentes auditórios, o seu foco era apresentar um quadro conceitual mais amplo sobre a argumentação.

Sobre essa perspectiva, Perelman com intuito de apresentar os diferentes tipos de argumentação, traz à tona a distinção entre persuadir e convencer. Para esse autor, o discurso produzido visando um auditório particular objetiva persuadir enquanto o discurso dirigido a um auditório universal visa convencer. Nesse sentido, serão tratadas aqui as classificações de auditório privilegiado, de elite, auditório particular e universal.

O auditório de elite é composto por um grupo considerado mais qualificado, superior, reduzido. Há uma necessidade de convencer a todos os participantes desse auditório. Já o auditório privilegiado, apreendido como melhor, mais qualificado, que permite o convencimento racional, próprio de um filósofo, é formado especificamente somente pelo orador.

O auditório particular é delimitado, constituído de um grupo particular cujas crenças próprias desse grupo são compartilhadas somente pelos membros do auditório, dessa forma, o que é considerado como argumentação eficiente em um grupo pode não obter sucesso em outro.

A proposta perelmaniana sobre auditório universal se constitui a partir da análise dos auditórios particulares. O auditório universal envolve todos os seres humanos, por isso ele não é real, não se realiza efetivamente.

Considera-se aqui que a construção do ethos está ligada à imagem que o auditório faz do locutor e aos modos de dizer desse sujeito no momento da enunciação. A imagem pré-construída do orador em relação ao seu auditório está diretamente relacionada à representação coletiva, cristalizada produzida pela sociedade.

Para ilustrar essa reflexão, na sessão a seguir será realizada uma análise de uma cena de aula de Língua Portuguesa de uma turma do Ensino Fundamental verificando o percurso de construção das imagens negociadas no processo de enunciação, na relação estabelecida entre orador e auditório.

Uma proposta de análise

Para ilustrar essa reflexão, no excerto a seguir,⁸ relativo a uma cena de aula de Língua Portuguesa, de uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, pode-se notar, por meio dos modos de dizer da professora, ao longo da produção de seu discurso, como se dá a construção de suas imagens diante dos alunos, deixando entrever o ethos de um professor que se diz educador. Nesse processo discursivo, das imagens que a professora tem de si e pretende mostrá-las, apreende-se a emergência da imagem projetada pelo orador do seu auditório.

P: Outra coisa... eu gostarei... **eu gostarei de me organizar com vocês hoje** de forma que a gente possa terminar:: algumas partes né? da nossa::/da nossa **falação** e já chegar nos con::tos né? e a gente ainda tem segunda-feira **porque é um processo num é?** e:: ((dirige-se à pesquisadora pelo nome)) **tá:: pronta pra ne::sse processo dialó::gico com a gente então::** é:: **não há de que fazer a coisa de qualquer maneira** ... primeira coisa por favor não me venham com chorumelas tá? qualquer desculpa é mera coincidência de desculpa ... tá? só isso que eu quero pedir **quem não trouxe sabe mui::to bem que vai ser pesa::do não porque eu gosto de pesar não mas porque a gente precisa ter é um/um processo na vida linear...** o que que é uma linha... caminhada num é? rumo então **quando a gente conversa com as famílias** e olha que **eu tenho privilégio de encontrar pais em vá::rias circunstâncias** ((chama atenção de uma aluno)) se você foi para isso para atrapalhar Carla e () cê vai lá pra dentro... certo? aviso dado aviso cumprido daqui a pouco caso contrário... então (...) então:: **um pai veio conversar comigo numa informalida::de eu agradeci a oportunidade** porque **primeiro eu num pensei que eu era tão útil...** num pensei para essa/essa:: avaliação por outro lado **foi tão oportuno a conversa que nos traz aquela:: ideia de que EDUcação é diferente de:: dar aula professor e educador são muito distintos né?... então é por causa disso que eu BA::to na tecla todo o dia por valores por organização(...)**

Professor (P), enunciador da cena enunciativa acima, parece considerar o modelo pré-construído que o auditório – os alunos - tem da sua imagem em relação ao seu grupo de pertença, ser professor. Desse modo, a enunciação de P se instaura tendo em vista o ethos prévio da turma e dos alunos individualmente, melhor dizendo, imagem da turma em relação às características do grupo de pertença – 8ª série/9º ano do Ensino Fundamental - imagem, por exemplo, de uma turma que apresenta um desempenho escolar compatível com o esperado para essa série, de uma turma agitada, participativa, apática, disciplinada - e imagem do aluno em relação à turma, isto é, trata-se do ethos prévio de cada aluno (comportamento em sala, envolvimento com as atividades, dedicação aos estudos, entre outros), e ainda, o cenário, ou seja, as circunstâncias de discurso e o propósito discursivo do enunciador.

Nesse sentido, P abre a sua fala, caracterizando a atividade a ser desenvolvida com os alunos: **“nossa falação”**. Ao que parece, dado o fato de esse modo de dizer poder provocar, por parte do auditório, a produção de um efeito depreciativo à atividade

sugerida, P, metadiscursivamente, procura descrever, explicar e/ou justificar a atividade **“porque é um processo num é? não há de que fazer a coisa de qualquer maneira”**. Percebe-se que esse argumento marca o lugar do enunciador como um sujeito que reconhece o processo implicado na atividade pedagógica em questão. Torna-se clara a projeção da imagem de um enunciador preocupado com o seu saber fazer e, conseqüentemente, saber ser no que diz respeito ao ofício de professor.

Em seguida, P, ao enunciar, **“primeira coisa por favor não me venham com chorumelas tá? qualquer desculpa é mera coincidência de desculpa ... tá? só isso que eu quero pedir quem não trouxe sabe mui::to bem que vai ser pesa::do”**, projeta a imagem de um sujeito avaliador, irredutível e punidor, ou seja, revela-se nessa enunciação um ethos de professor severo. Entretanto, P, com intuito de proteger a própria face, de não oferecer aos seus interlocutores uma imagem de si negativa, propõe um reparo ao que disse, trazendo para o seu discurso uma espécie de contra-argumento, uma ressalva **“não porque eu gosto de pesar não mas porque a gente precisa ter é um/ um processo na vida linear”**. Entende-se que, por meio dessa manobra discursiva, P visa produzir a imagem de um professor que se preocupa em preparar os alunos para a vida, formar cidadãos, um ethos de um professor que recupera a imagem social de professor enquanto educador.

Ainda, nesse percurso de construção de imagens, que parece um exercício de negociação, P, como forma de (re)validar o seu saber fazer, recorre, como ilustração, a uma situação que remete a sua relação com os pais de alunos, ao dizer que, **“quando a gente conversa com as famílias e olha que eu tenho privilégio de encontrar pais em vá::rias circunstâncias”**. Vale a pena chamar a atenção para essa estratégia discursiva, pois o não- dito parece se encarregar de trazer à cena os propósitos discursivos do enunciador, ou seja, o que a P pretende dizer quando se refere às suas conversas com as famílias, fala seguida do comentário de que **“um pai veio conversar comigo numa informalida::de eu agradeci a oportunidade”**. Por meio dessa estratégia - o que diz e como o faz, P procura mostrar a imagem que o outro tem do seu fazer **“primeiro eu num pensei que eu era tão útil...”**, e ao fazê-lo, verifica-se que tal estratégia funciona para conferir à sua fala, aquela cujo tom souo áspero, credibilidade e legitimação do trabalho realizado por ela. Ou seja, nesse jogo discursivo, a imagem de si, que P entende ser eficaz, é aquela que remete ao ethos de professor cujas ações são (re)conhecidas pelos pais dos alunos e as quais são por eles endossadas. Tem-se aí, pela manifestação dessa imagem de professor que prepara seus alunos para vida, o que requer disciplina,

pois, como ela diz, “**não há de que fazer a coisa de qualquer maneira**”, “**mas porque a gente precisa ter é um/um processo na vida linear... o que que é uma linha... caminhada num é? Rumo**”.

A partir do lugar-comum segundo o qual há diferença entre ser professor e ser educador, em que o primeiro se refere ao sujeito que se preocupa apenas com o conteúdo a ser ministrado e o segundo aquele que se interessa em contribuir para formação de valores dos indivíduos, portanto, para a construção de uma sociedade melhor, o enunciador se apresenta inserido num determinado grupo de pertença, no grupo social de educador, para isso, P defende a “**ideia de que EDUcação é diferente de:: dar aula professor e educador são muito distintos né?**”. Há, aí, a instauração do ethos de educador.

No excerto examinado, identifica-se uma tentativa de apagamento por parte do enunciador do ethos prévio (pré-discursivo) de professor, uma vez que a esse ethos está atribuída uma representação coletiva de professor como “dador” de aula, portanto, uma imagem não-valorativo desse sujeito, com o propósito de instaurar uma nova imagem de si, a do ethos de educador. Sobre isso, como explica Amossy, “no interior de uma dada cena genérica, o locutor procede à instalação de uma imagem de si que corresponde a uma distribuição dos papéis preexistentes e se funda nos lugares comuns do auditório ou, ao menos, nos que o locutor lhe atribui” (AMOSSY, 2008, p.137).

Por fim, o trecho analisado nos permite considerar que todo evento discursivo envolve a projeção da imagem do auditório pelo orador cujo discurso é produzido em relação aos lugares assumidos pelo sujeito enunciador em função dos efeitos que pretende produzir para o outro, num determinado espaço de enunciação.

Palavras Finais

O quadro teórico apresentado aqui nos permite refletir sobre o tratamento que é dado ao ethos discursivo em diferentes abordagens teóricas. As concepções acerca do ethos apresentadas neste trabalho constituem um quadro teórico limitado, já que o objetivo não foi desenvolver um estudo exaustivo sobre ethos, mas estabelecer um possível diálogo entre diferentes estudiosos da linguagem.

Como já discutido, pode-se afirmar que é na e pela enunciação que a imagem do locutor é construída num jogo de relações de poder, de representações coletivas, de modos de dizer em relação aos sujeitos envolvidos numa determinada situação comunicativa.

Dessa perspectiva, a construção do ethos está ligada à imagem que o auditório faz do locutor e aos modos de dizer desse sujeito no momento da enunciação. A imagem pré-construída pelo auditório está diretamente relacionada à representação coletiva, cristalizada produzida pela sociedade.

Referências Bibliográficas

AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas Tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.

_____. Ethos, cenografia, incorporação. In: AMOSSY, Ruth (org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo, Contexto, 2008a. p.69-92.

_____. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008b p.11-29.

PERELMAN, Chaïm. (1977) Argumentação. In: **Enciclopédia Einaudi. vol. 11**. Imprensa nacional – casa da moeda, Lisboa, 1987, pp.234-265. [1ª publicação: Argomentazione. In: Enciclopedia Einaudi, vol.I, 1977, pp.791-823].

PERELMAN, C. **O Império retórico**. Lisboa: Asa. 1993.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA. **Tratado da argumentação. A Nova retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Notas:

¹ Anotações de exposição oral durante as aulas da disciplina do POSLIN/UFMG (2012/01) - Argumentação e Persuasão pelo Discurso - ministradas pelo Professor: Wander Emediato/UFMG.

² Esse autor considera ideal usar o termo tom uma vez que ele se vale tanto para o texto oral quanto para o texto escrito.

³ Amossy (2008) considera como ethos prévio.

⁴ Sobre o ethos dito e o mostrado, para o autor, não é possível definir uma diferença clara entre eles, pois “a distinção entre ethos dito e mostrado se inscreve nos extremos de uma linha contínua, uma vez que é impossível definir uma fronteira nítida entre o ‘dito’ sugerido e o puramente ‘mostrado’ pela enunciação” (MAINGUENEAU, 2008b, p. 18)

⁵ No caso deste estudo, a representação, tomada no quadro das interações sociais, diz respeito à representação que um locutor constrói, no curso da cena, diante de um auditório específico e transmite a imagem de si mesmo por meio de sua enunciação, isto é, por meio do modo como ele se inscreve como enunciador na materialidade do texto. No quadro da AD, no que diz respeito ao ethos, a representação refere-se à imagem construída antes mesmo de qualquer interação verbal conforme os estereótipos sociais.

⁶ A figura (MAINGENEAU, 2008b, p. 19), apresenta a construção do ethos discursivo como processo que apresenta uma interação entre as diversas instâncias. As setas duplas indicam uma relação de interação.

⁷ Ethos prévio, que precede a construção da imagem no discurso, corresponde ao que Maingueneau prefere chamar de “ethos pré-discursivo”.

⁸ Trata-se de uma aula de Língua Portuguesa, na 8ª série/ 9º ano. Em círculo os alunos apresentam o trabalho sobre o livro de literatura indicado para leitura: “Histórias sobre ética”. Os dados foram coletados durante o desenvolvimento da minha pesquisa de Mestrado.

[Recebido: 20 nov. 2013 / Aceito: 05 abr. 2014]